

## **REPRESENTAÇÕES DAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS REALIZADAS POR GILDÁSIO AMADO (1958-1973)<sup>1</sup>**

Fernanda Gomes Vieira<sup>2</sup>, Norberto Dallabrida<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – CEAD – Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Pedagogia – CEAD – norbertodallabrida@udesc.br

O presente ensaio busca trazer e compreender as representações do educador sergipano, radicado no Rio de Janeiro, Gildásio Amado sobre a experiência renovadora denominada classes secundárias experimentais tanto durante a experiência como depois dela, abrangendo a primeira metade dos anos 1960 e 1973. Ele foi o maior difusor e animador das classes secundárias experimentais dentro do Ministério da Cultura e Educação e, desse modo, Amado é considerado um mediador cultural, já que atuou como um agente estratégico, marcado pela ampla sociabilidade intelectual e que faz práticas de mediação cultural em determinado tempo e espaço, dentre elas a implementação e divulgação das classes secundárias experimentais. Estas visões gildasianas são construídas a partir de quatro fontes escritas: a primeira sendo o artigo publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), em 1958, com o título “Classes Experimentais”, que aborda a exposição de motivos do educador enquanto diretor da Diretoria de Ensino Secundário para a implantação das classes secundárias experimentais; a segunda, o tópico “classes experimentais” do relatório do diretor da DES sobre o ensino secundário, que aborda o seu financiamento, custos, assistências, missões pedagógicas, encontros, atividades, publicações, centros de aperfeiçoamento, entre outros ao Ministro da Educação em 1960. De outra parte, o comentário final do artigo de Jayme Abreu e Nadia Cunha “Classes secundárias experimentais: o balanço de uma experiência” de título “Comentários de Gildásio Amado”, publicado na RBEP em 1963; e o subtítulo “Classes experimentais” do primeiro capítulo do livro “O Ensino Fundamental e Médio” escrito pelo próprio Gildásio Amado em 1973, que aborda sua visão da experiência 15 anos depois. Desse modo, o trabalho está dividido em duas partes: a primeira parte versará sobre as representações gildasiana durante a implantação e iniciação da experiência das classes secundárias experimentais (1959-1962) e a segunda parte aborda as representações posteriores ao primeiro ciclo da experiência em artigo publicado em 1963 e em livro publicado em 1973. Como referencial teórico é utilizado o conceito de representação a partir do historiador francês Roger Chartier, que propõe uma dupla função ao seu significado: representar o ausente, ou seja, torná-lo presente através de uma imagem e apresentar a si mesmo enquanto ideia. Movimentar-se-á também os conceitos de apropriação e de circulação de Roger Chartier (1992), porque para chegarmos na construção das classes secundárias experimentais, ideias, pessoas, objetos, circularam e foram apropriados.

Desse modo, a partir da análise das publicações de Amado, percebe-se que seu desejo era um ensino secundário que assegurasse a formação humana, que possuísse uma unidade central, mas que também garantisse a diversidade cultural e social através de organizações mais autônomas de seus sistemas, de seu currículo e de seu professorado, articulando-se com o ensino primário e superior, tendo como essencial a educação moral e cívica e as atividades extraclasse.

Assim fica nítido seu esforço em implantar e fazer circular as classes experimentais, já que estas para ele eram necessárias as novas exigências da sociedade moderna, onde o ensino deve preparar de maneira mais ampla possível o aluno para a vida na sociedade, de forma que ele ajude no crescimento dela. Além de ser para Amado a brecha essencial para despertar a mudança da rígida Reforma Capanema, a experiência representou em âmbito nacional, nos setores público e privado, uma iniciativa de inovação do cenário escolar flexibilizando currículo e métodos. Porém, Amado quando traz o enfoque para as escolas particulares, que foram a maioria na inovação, é apenas para justificar que elas que podiam arcar melhor com os custos da experiência e que eram menos burocráticas, falando sempre de forma geral sobre as classes experimentais sem especificar de qual setor estas foram implantadas. Outro apagamento foi a experiência pioneira de São Paulo iniciada por Luís Contier no Instituto Alberto Conte em 1951, que abriu as portas para a execução das classes secundárias experimentais. Enquanto diretor da Diretoria do Ensino Secundário, Amado constrói a ideia de criação das classes como algo coletivo dos diretores, professores e inspetores, tanto que ele usa como base para suas impressões posteriores das classes experimentais a tese defendida por Cleanto Siqueira, que era técnico da educação do MEC e não cita em momento algum as experiências pioneiras anteriores a legalização. Desse modo, seu foco recai nas representações de oportunidade de flexibilização e autonomia para as escolas e professores com a nova possibilidade de currículo e métodos didáticos, além da questão das habilidades e aptidões amplamente trabalhadas nas experiências renovadoras do secundário. Observa-se nos seus escritos um apressamento pela influência das *classes nouvelles* francesas, que ele pode vivenciar em suas viagens internacionais, e sua admiração pelo Plano Langevin-Wallon excluindo as outras influências que as classes secundárias experimentais tiveram como o Plano Morrison e a Pedagogia Personalizada e Comunitária dos educandários católicos e suas experiências. Esses focos podem ser explicados pelo fato de Amado ter usado sua viagem à França e à Inglaterra como base para pensar seus projetos educacionais, por ocupar um cargo público e por sua vontade primordial em acabar com a dicotomia ensino técnico e humanístico e, assim, trazer para o ensino técnico seu devido valor, colocando fim a sua diminuição, acreditando que o caminho para isso eram as ferramentas possibilitadas pela implantação das classes secundárias experimentais.

Por fim, pode-se dizer que mesmo depois do fim da experiência e a constatação de seu pequeno alcance no campo educacional, Amado continuou acreditando na grande relevância da experiência, que para ele abriu portas de flexibilização, autonomia para as escolas e professores, ou seja, uma verdadeira liberdade pedagógica, que reverberou na Lei de Diretrizes e Bases de 1961.

**Palavras-chave:** Classes Experimentais. Ensino Secundário. Gildásio Amado.